

MOARA

**ESTUDO DAS FORMAS VERBAIS
DO MODO INDICATIVO:
UM RECORTE SINCRÔNICO DO PASSADO**

**Gisela Sequini FAVARO¹
Gladis MASSINI-CAGLIARI**
(UNESP/Araraquara)

RESUMO: O objetivo deste trabalho é o estudo de processos morfofonológicos das formas verbais em Português Arcaico (PA). O corpus é constituído das *Cantigas de Santa Maria* (CSM), que representam o mais elaborado monumento da literatura e ocupam um lugar privilegiado na Literatura Galego-Portuguesa medieval. A partir do mapeamento de todas as formas verbais ocorrentes no corpus, é possível classificar os dados em tipos, considerando a presença de processos específicos, o contexto morfológico da sua aplicação, a fim de identificar os processos fonológicos que são provocados pela flexão verbal no período arcaico da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Verbo; português arcaico; *Cantigas de Santa Maria*.

ABSTRACT: The objective of this work is to study the morphophonological structure of verb forms in Archaic Portuguese (AP). The corpus consists of *Cantigas de Santa Maria* (CSM), which represent a more elaborate monument of literary importance and occupy a privileged place in the medieval Galician-Portuguese literature. From the mapping of all verb forms occurring in the corpus, it is possible to categorize the data into types, considering the presence of specific processes, and setting up the morphological context of its application, in order to identify the phonological processes which are triggered by verbal inflection in the archaic period of the language.

KEYWORDS: Verb; Archaic Portuguese; *Cantigas de Santa Maria*.

¹ Pesquisa financiada pela Fapesp nº 2009/12171-9.

1 INTRODUÇÃO

Por que irmãos, mas corações, cães, se no singular temos irmão, coração e cão? Por que *fazer/feito, ver/visto, escrever/escrito*, se o geral é verbo de infinitivo *-er* ter participio em *-ido*?

(SILVA, 2006, p.16)

O objetivo deste artigo é promover uma reflexão sobre o estudo e a análise de processos morfofonológicos desencadeados pela flexão verbal no Português Arcaico (PA). O *corpus* de base deste trabalho é constituído por uma seleção de 50 *Cantigas de Santa Maria* (CSM), que correspondem a um monumento literário de mais elaborada importância e ocupam um lugar privilegiado na literatura medieval galego-portuguesa. A partir do mapeamento das formas verbais ocorrentes no *corpus*, os dados são categorizados em tipos, quanto ao processo morfofonológico verificado; em seguida, são descritos os processos fonológicos encontrados, estabelecendo-se o contexto morfológico de sua aplicação, com vistas à identificação dos processos morfofonológicos desencadeados pela flexão verbal ativos na época trovadoresca. O objetivo é contribuir para a descrição de processos fonológicos desencadeados pela flexão verbal no Português Arcaico e, a partir de uma comparação com os processos ativos atualmente no Português Brasileiro, as hipóteses de mudanças linguísticas ocorridas desde as origens do português até os dias de hoje.

2 CORPUS

Para a realização desta pesquisa, o *corpus* de base é constituído por um recorte das 50 *Cantigas de Santa Maria* (CSM), que correspondem a um monumento literário de mais elaborada importância e que ocupam um lugar privilegiado na literatura medieval galego-portuguesa. São uma coleção de 420 cantigas religiosas em louvor da Virgem Maria (das quais 356 são narrativas e relatam milagres marianos, e as demais, exceto a introdução e os prólogos, são de louvor ou se referem às festividades marianas),

com notação musical (salvo o poema introdutório e algumas outras cantigas em que a notação musical não chegou a ser acrescentada, apesar de haver espaço previsto para esta finalidade), mandadas compilar pelo Rei Sábio de Castela (Afonso X) na segunda metade do século XIII.

A escolha das CSM como objeto de estudo se dá devido à grande riqueza lexical que apresentam. No que diz respeito à maior riqueza lexical das CSM, Leão (2007, p. 152-153) afirma que

Do ponto de vista do léxico, as *Cantigas* apresentam uma riqueza imensa (como também, embora em menor grau, as cantigas de escárnio), pois não se limitam à tópica amorosa como as cantigas de amigo e de amor. Ao contrário, elas nos falam não só da vida religiosa, mas da vida em toda a sua complexidade, constituindo talvez o mais rico documento para o conhecimento da mentalidade, dos costumes, das doenças, das profissões, da prostituição, do jogo, dos hábitos monásticos, de todos os aspectos enfim do quotidiano medieval na Ibéria

Como *corpus* de suporte, será considerada a edição de Mettmann (1986, 1988, 1989) das *Cantigas de Santa Maria*. São quatro os códices contendo cantigas da coleção das CSM: dois deles pertencem à Biblioteca del Monasterio de El Escorial, na Espanha; o terceiro está conservado na Biblioteca Nacional de Madrid; e o último pertence à Biblioteca Nazionale Centrale de Florença, Itália. Estão disponíveis ao Grupo de Pesquisa no qual a orientanda se insere os microfilmes desses quatro manuscritos, bem como as edições fac-similadas dos manuscritos de Toledo e do Escorial.

Massini-Cagliari (1998, p. 83) explica por que é tão relevante a consideração da poesia em uma análise linguística de línguas antigas:

A tradição da análise poética tem mostrado que a poesia pode revelar a duração das sílabas, a localização do acento e pausas (cesuras) e um valor melódico/rítmico de natureza acústica. Com base na observação desses fatos, desenvolveram-se, dentro dessa tradição de análise poética, vários métodos de descrição.

Para Silva (2001, p.32), os documentos linguísticos fornecidos pelas líricas medievais galego-portuguesas são muito ricos, pois, através dos dados obtidos e a partir das considerações desses textos, encontramos pontos essenciais para o conhecimento do léxico e de outros aspectos da língua:

O fato de serem poemas de estrutura formal em versos rimados os torna fundamentais, no que concerne a estudos de história da língua, para o conhecimento de fatos fonéticos desse período, como sejam, por exemplo, questões referentes aos encontros entre vogais (hiatos/ditongos), ao timbre vocálico (abertura e fechamento), vogais e ditongos nasais/orais. A morfologia tanto a nominal como a verbal também tem nessa documentação uma fonte fundamental. A questão da sintaxe aí representada deve ser considerada, tendo sempre presente que o caráter excepcional e variável é essencial na construção poética.

Portanto, de acordo com vários estudos e discussões acerca da relação entre os dados contidos nos documentos e a língua indiretamente representada pela língua escrita, é possível chegar ao português falado da época. Silva (2001, p.39) aponta esta possibilidade, pois não havia um controle gramatical normativo naquele período, o que favorecia aos textos daquela época a apresentação de variações constantes, fato que é indicador de usos da fala:

[...] sendo a documentação escrita que permanece, e sendo essa uma representação convencional da fala, desta teremos nos documentos um reflexo que permite tirar conclusões até certo ponto seguras, no nível fônico-mórfico, já que, não havendo então uma normatização ortográfica, a análise da variação da escrita oferece indícios para alguma percepção da voz. Do mesmo modo, se o que está escrito procura espelhar a voz e esta nos falta, pelo escrito se pode depreender, embora não integralmente, a língua no seu uso primeiro, em qualquer dos níveis em que se pode estruturá-la: fônico, mórfico, sintático, discursivo. (SILVA, 2001, p.39)

2.2 AS CANTIGAS DE SANTA MARIA

Como já foi exposto anteriormente, as *Cantigas de Santa Maria* foram redigidas em galego-português e atribuídas a Dom Afonso X de Castela, que as teria escrito com a colaboração de trovadores, músicos, desenhistas e miniaturistas que ele acolhia em sua corte. Elas constituem um monumento literário, musical e artístico da mais alta importância. Mettmann (1986, p.8), confirma esta relevância:

Por haberse logrado en ellas un perfecto equilibrio entre texto, melodias y pintura ocupan las Cantigas de Santa Maria un lugar privilegiado en la literatura medieval, y no cabe duda de que para su régio 'autor', El 'fazer sões' y El "pintar" no eran de menor importancia que el "contar", "trobar" y "rimar". Huelga subtrayr el rango que en la historia de la espiritualidad les corresponde a las Cantigas como al monumento literario del culto mariano en la Península Ibérica, su interés para la historia de la métrica y, finalmente, su importancia como una de las fuentes más ricas del galaico-português antiguo.

O autor explica, ainda, que a estrutura dos poemas narrativos é praticamente invariável. Segundo Borges (2008, p.39), há um estribilho inicial, que se repete depois de cada estrofe e apresenta o tema; nas primeiras estrofes se dão normalmente indicações mais ou menos concretas sobre o espaço, a época, às vezes a fonte e nomeiam-se personagens envolvidas nas histórias.

A situação das CSM no tempo pode ser realizada com base nas referências históricas que conseguimos extrair dos próprios textos. Segundo Massini-Cagliari (2005, p.62), a biografia de Afonso X é um fator crucial na datação dos poemas da coleção, sendo importante apontar os fatos mais relevantes de sua vida para poder supor aproximadamente a data de cada um dos manuscritos.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por meio de algumas leituras de gramáticas históricas (COUTINHO, 1958; VASCONCELOS, 1946; SAID ALI, 2001;

SILVA NETO, 1952) sobre português arcaico, constatamos que, em geral, estas mostram um panorama das mudanças do latim ao PB, da origem e da formação dos tempos-modos verbais; não apresentando, todavia, estudos aprofundados sobre a estrutura de tempos-modos específicos. Notamos, ainda, que todos os autores são unânimes em apontar que, no português arcaico, havia tal como hoje três conjugações e que este sistema deriva das declinações latinas que foram se estabilizando ao longo da evolução da língua.

Em Coutinho (1958), verificamos que, para as novas criações verbais, se recorria à primeira conjugação, assim como fazemos atualmente no português. Explica-se o fato de a primeira conjugação ser a mais produtiva, pois ela apresentava e apresenta ainda hoje formas verbais decorrentes de substantivo, como por exemplo, no latim *plantare* (*planta*) e em português *plantar* (*planta*); provenientes de adjetivos e participios; originários do grego com a terminação *-an*, *-ein*, *-izein* e formas oriundas do germânico com a terminação *-an*, *-on*. Além de produtiva, a primeira conjugação é a que mais resistência oferece com relação a mudanças linguísticas, uma vez que verbos das demais conjugações têm passado para esta conjugação, como por exemplo, *torrere-torrare* (torrar), mas verbos de 1ª conjugação não costumam passar para a 2ª ou 3ª conjugações.

Já Said Ali (2001) mostra que os verbos nas línguas do grupo indo-europeu possuem sufixos próprios (desinências) com que se distinguem as pessoas do discurso, o número (singular ou plural), o tempo e o modo da ação. Em português, o autor afirma que o uso do pronome pessoal não é obrigatório, a não ser nas 1ª e 3ª pessoas do singular, quando assim exigir a clareza do enunciado. Nos demais casos o pronome serve apenas para reforço enfático. Assim como a gramática de Coutinho (1958), Said Ali (2001) nos traz um panorama histórico das transformações ocorridas na passagem das formas verbais do latim para nossa língua atual.

Na *História da Língua Portuguesa* de Silva Neto (1952), o autor aponta que, no latim, havia quatro conjugações verbais, que depois se reduziram a três, uma vez que os verbos da terceira

incorporaram-se à segunda. A respeito de cada conjugação, afirma que a primeira sempre mostrou maior vitalidade, uma vez que a ela se adaptavam empréstimos e novas formações. Já faziam parte da segunda conjugação os verbos incoativos. Sobre a terceira conjugação, o autor não traz informações relevantes diferentes das já aludidas anteriormente.

Os trabalhos recentes de linguística histórica e filologia (CÂMARA JUNIOR, 1975; MAIA, 1986; SILVA, 1989) contêm mais descrições gerais do sistema verbal arcaico. Câmara Jr (1975) constata que em latim o verbo era um vocábulo flexional e que assim se manteve em português. Sobre as categorias verbais, introduz o conceito de aspecto, ou tempo, como o definem outros autores, subdividido em conclusivo e inconclusivo. São os três tempos verbais que utilizamos atualmente em português: o presente, para o momento concomitante com a comunicação, o pretérito, anterior ao momento da comunicação, e o futuro, quando se cria uma expectativa ao momento da comunicação.

Em Maia (1986), observamos que as quatro conjugações do latim clássico (*-āre*, *-ēre*, *-ĕre* e *-īre*) foram conservadas como tipos flexionais distintos em algumas línguas românicas, entre as quais a autora aponta o catalão, o francês, o italiano e o romeno. Por sua vez, em línguas como o galego-português, o castelhano, o leonês e o macedo-romeno, as conjugações latinas reduziram-se a três, devido à perda da terceira conjugação latina, e a maior parte dos verbos passaram para a segunda conjugação. A fusão da terceira com a segunda conjugação nessas línguas pode ser considerada como resultado de uma tendência que já se manifestava no latim. Os verbos latinos que pertenciam à segunda conjugação aparecem, na maioria das vezes, integrados aos verbos em *-er*, como, por exemplo, os verbos *aver*, *poer*, *teer*, *seer*, *valer*, etc. Esses verbos mantêm o mesmo tipo de conjugação tanto no português quanto no galego atuais. A partir do século XVI, a forma verbal *poer* foi substituída pela forma *por*. Em galego, mantém-se a forma *poñer*, embora haja um infinitivo paralelo: *pór*.

A maior parte das formas de infinitivos pertencentes à terceira conjugação latina está inserida na segunda conjugação galego-portuguesa. Mas, de acordo com Maia (1997), nem sempre a situação desses verbos é coincidente no português e no galego atuais, uma vez que houve deslocamento de alguns verbos ora para a segunda ora para a terceira conjugação. Por exemplo, temos que a forma *caer* mantém-se em galego na segunda conjugação, já em português desde o século XIV a forma *cair*, pertencente à terceira conjugação, começa a surgir nos textos escritos.

A respeito ainda da alternância entre *-er* (2ª conjugação) e *-ir* (3ª conjugação), a autora relata que “essa flutuação entre as formas *-er* e *-ir*, as primeiras de caráter tradicional e as segundas devidas à penetração do castelhano na Galiza, reflecte-se igualmente em textos literários: nas *Cantigas de Santa Maria*” (MAIA, 1997, p.730).

Silva (1989), em *Estruturas Trecentistas*, mostra que o verbo é o núcleo ou base do sintagma verbal e que seu inventário é aberto em qualquer língua. Em sua descrição, parte do princípio de que a estrutura mórfica do verbo é formada basicamente dos seguintes elementos: lexema, vogal temática, morfema modo-temporal e morfema número pessoal. Em relação aos verbos regulares, a autora indica que são aqueles que apresentam radical imutável, classificados em três conjugações: 1ª, 2ª e 3ª. Essa agrupação parte do classificador mórfico, vogal temática (VT). A autora apresenta quadros relativos a todas as formas verbais encontradas no PA que auxiliam e estruturam suas análises em relação aos modos, tempos e aspectos verbais por ela levantados.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 METODOLOGIA

A metodologia baseia-se no mapeamento das formas verbais, a partir de glossários e vocabulários relativos às *Cantigas de Santa Maria*, e na categorização destas formas de acordo com o tipo de processo morfológico verificado.

Abaixo, como ilustração, apresentamos um exemplo dos procedimentos de mapeamento dos dados utilizados nesta pesquisa. Trata-se de um fragmento da cantiga de número sete (CSM7), isto é os versos de 9 a 33, de um total de 91 versos da cantiga. As formas verbais mapeadas neste trecho (marcadas em negrito) são as do presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, imperfeito do indicativo, futuro do presente, infinito impessoal e participípio.

(1) Cantiga 7

ESTA É COMO SANTA MARIA LIVROU A ABADESSA
PRENNE, QUE ADORMECIA ANT' O SEU ALTAR
CHORANDO

[...]

Porende vos **contarey** 9
un miragre que **achei** 10
que por hũa badessa 11
fez a Madre do gran Rei, 12
ca, per com' eu **apres' ei**, 13
era-xe sua essa. 14
Mas o demo **enartar** 15
a **foi**, por que **emprennnar** 16
s' **ouve** dun de Bolonna, 17
ome que de **recadar** 18
avia e de **guardar** 19
seu feit' e sa besonna 20.

Santa Maria amar... 21

As monjas, pois **entender** 22
foron esto e **saber**, 23
ouveron gran lediça;24
ca, porque lles non **sofrer** 25
quería de mal **fazer**, 26
avian-lle mayça. 27
E **fórona** acusar 28
ao Bispo do logar, 29
e el ben de Colonna 30
chegou y; e pois **chamar** 31
a **fez**, **vêo** sen vagar, 32
leda e mui risonna. 33

Santa Maria amar...

[...]

Depois de mapeadas as formas, elaboramos quadros nos quais as formas verbais encontradas são classificadas por conjugação e número-pessoa. Para exemplificar, apresentamos o quadro e a tabela abaixo, relativos ao pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo:

Quadro 1 - Ocorrências das formas verbais do pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo

NP/Conj	1ªConj	2ªConj	3ªConj
3ªps	affogara (11.2) cantara (6.69) chorara (43.77) deitara (4.2) dera (18.3,35.97, 38.3,42.25,42.42) demonstrara (43.75) entrara (38.36) fillara (41.19) leixara (15.164) mandara (16.82) matara (6.2) ressucitara (43.76) soterrara (6.67) tallara (37.2)	sofrera (5.125) detevera (15.163) quisera (5.56,9.155,43.40) fezera (3.2,4.57,4.102,5.57,34.2) fora (16.31,32.11,35.26,35.88, 38.76,39.37) posera (6.74,23.8,25.87) ouvera (6.79,14.4,38.56) perdera (31.22,41.11,44.1,48.41) prendera (9.44) prometera (9.46, 18.3, 42.44, 43.43) metera (15.20) tollera (20.20, 48.42) valvera (30.3, 30.15, 30.24, 30.33, 30.42) vendera (48.43)	caera (33.2) dormira (6.79) ferira (6.78) fora (5.157,16.58, 24.27,24.54, 25.136,26.102, 33.23,33.60) guarira (33.59) recodira (14.34) sentira (6.77) vëera (6.73, 9.156, 23.13,31.71)
3ªpp	leixaran (35.126) rogaran (14.2)	viran (33.53)	foran (31.24, 38.81,42.13)

Tabela 1- Quantificação das formas verbais do pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo

NP/Conj	1ªConj	2ªConj	3ªConj	Total
1ªps	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
2ªps	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
3ªps	18 (22,0%)	40 (48,8%)	18 (22,0%)	76 (92,7%)
1ªpp	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
2ªpp	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
3ªpp	2 (2,4%)	1 (1,2%)	3 (3,7%)	6 (7,3%)
Total	20 (24,4%)	41 (50,0%)	21 (25,6%)	82 (100%)

4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como principal resultado de pesquisa desenvolvida, tem-se o levantamento de todas as formas verbais e a análise de algumas alomorfas encontradas nas primeiras cinquenta CSM, além da quantificação dessas formas, em termos de conjugação, tempo-modo-aspecto e número-pessoa.

Para facilitar a apresentação das análises, dividimos os processos de alomorfas de acordo com aqueles que envolvem as vogais temáticas, desinências modo-temporais, desinências verbo-nominais e, por fim, desinências número-pessoais.

1 Vogais Temáticas

1.1 Supressão (queda) da vogal temática na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

Dentre os dados coletados, tomamos como exemplo o verbo *rogar*, que está conjugado na primeira pessoa do singular no presente do modo indicativo. Esquemáticamente, separamos os constituintes da forma verbal já conjugada para a visualização do processo morfofonológico em questão, que é a supressão, ou seja, a queda da vogal temática quando conjugamos o verbo na primeira pessoa do singular no presente do indicativo:

(2) Verbo: Rogar---- Eu rogo

Radical/ Vogal temática/ Sufixo modo-temporal/ Sufixo número-pessoal

Rog- -a- ø -o-



Supressão da vogal temática = Eu rogaoo=Eu rogo

A mudança morfofonêmica que encontramos é a supressão da vogal temática, ou seja, há uma queda, como podemos verificar no exemplo acima, e o acréscimo do sufixo número-pessoal, que, no caso da primeira pessoa do singular, é o alomorfe /o/. Seguem este paradigma flexional todos os verbos regulares da primeira, segunda e terceira conjugações que estejam conjugados na primeira pessoa do singular.

A queda da VT é ocasionada pela adjunção do sufixo número-pessoal. Como a desinência de presente do indicativo é ø, ambas as vogais, a VT (vogal temática) e a NP (número-pessoal), acabam ocorrendo em sequência, do ponto de vista fonético (da pronúncia). Por conta do Princípio do Contorno Obrigatório (PCO²), na flexão verbal portuguesa, duas vogais não podem se seguir no mesmo plano (a não ser nos tempos do perfeito, que são exceção a esta regra).

1.2 Neutralização morfofonológica das vogais temáticas nas 2ª e 3ª conjugações no presente do indicativo.

Para compor nosso exemplo escolhemos os verbos *poder* e *vir*, ambos conjugados na segunda pessoa do singular no presente do indicativo. Separamos os constituintes das formas verbais já

² Silva (2007, p.208) mostra que o: “fenômeno autosegmental do Princípio do Contorno Obrigatório (PCO) define que [...] sequências adjacentes de unidades idênticas são proibidas nas representações fonológicas”.

conjugadas para a visualização do processo morfofonológico em questão, que é a neutralização das vogais temáticas nas 2ª e 3ª conjugações no presente do modo indicativo:

(3) Verbo: Poder--- Tu podes Vir---Tu vês

Radical/ Vogal temática/ Sufixo modo-temporal/ Sufixo número-pessoal

Pod- -e- -o- -s-

Vê -e- -o- -s-

Aqui, o processo que identificamos é a neutralização. Tanto *poder* quanto *vir* possuem a mesma vogal temática, quando conjugados no presente do modo indicativo, apesar de pertencerem a conjugações diferentes. Observando o exemplo acima, notamos que a vogal temática de ambos os verbos é -e. No caso da terceira conjugação, a vogal temática de -i passa para -e. Seguem este paradigma flexional todos os verbos regulares da segunda e terceira conjugações que estejam conjugados na segunda pessoa do singular.

1.3 Neutralização morfofonológica e crase da vogal temática nas 2ª e 3ª conjugações na primeira pessoa do singular no pretérito perfeito do indicativo.

Para exemplificar o processo morfofonológico da neutralização seguida de crase da vogal temática nas 2ª e 3ª conjugações na primeira pessoa do singular no pretérito perfeito do modo indicativo, tomamos como base os verbos *aprender* (2ª conjugação) e *cobrir* (3ª conjugação).

O verbo *aprender* sofre uma alternância de sua vogal temática de -e para -i, quando conjugado na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo. Com a ausência da desinência modo-temporal, temos a junção, ou seja, a crase da vogal temática com a desinência número-pessoal.

(4) Verbo: Aprender--- Eu aprendi Cobrir---Eu cobri

Radical/ Vogal temática/ Sufixo modo-temporal/ Sufixo número-pessoal

Aprend-	(e) -i-	- o-	-i-
Cobr-	-i-	- o-	-i-

Seguem este paradigma flexional todos os verbos regulares da 2ª e 3ª conjugações que estejam conjugados na primeira pessoa do singular. Aqui, encontramos dois processos: o da neutralização da vogal temática e a crase da vogal temática com o sufixo número pessoal.

1.4 Harmonização vocálica da vogal temática da 1ª conjugação na primeira e terceira pessoa do singular, repectivamente.

Para exemplificar o processo de harmonização vocálica da vogal temática da 1ª conjugação na primeira e na terceira pessoas do singular no pretérito perfeito do modo indicativo, escolhemos o verbo *achar*, conjugado na 1ª e na 3ª pessoas do singular. No caso da harmonização vocálica, houve um alteamento da vogal {a} por influência das semivogais {y} e {w}. A vogal temática /a/, baixa, adquire o traço alto, que vem das vogais de número-pessoa /i, u/; desta forma, há uma harmonização do traço baixo da vogal temática, que passa a médio-alta, com o traço alto da vogal de NP. Há, também, harmonização com relação ao ponto de produção da vogal, uma vez que, diante da vogal anterior de NP, a VT se realiza como média-alta anterior [e]; da mesma forma, diante de vogal posterior [u], realiza-se como média-alta posterior [o], conforme o esquema abaixo:

(5) **ach-e-i** : 1ª pessoa do singular

{a}-----{e}/ {y}---cant-e-i

(6) **ach-o-u**: 3ª pessoa do singular

{a}-----{o}/ {w}---cant-o-u

De acordo com os processos analisados, podemos concluir que quase todos se mantiveram no português padrão atual. Apenas aqueles que envolvem a desinência número-pessoal da 2ª pessoal do plural não ocorrem no português arcaico. Isso se dá pelo fato de que nesse período a desinência número-pessoal era *-des* e não *-is*. Podemos, portanto, já dizer que esses dados são relevantes, uma vez que demonstram semelhanças entre o galego-português e o português padrão atual, sobretudo nos aspectos verbais, uma vez que naquela época as três conjugações verbais, originárias do latim, já estavam começando a se definir.

5 CONCLUSÃO

Podemos concluir, após as análises, que quase todos os processos morfofonológicos mapeados e analisados se mantiveram no português padrão atual. Somente aqueles que envolvem a desinência número-pessoal da 2ª pessoal do plural não ocorrem no português arcaico. Isso se dá pelo fato de que nesse período a desinência número-pessoal era *-des* e não *-is*.

Por meio das tabelas analisadas, foi possível verificar uma ocorrência maior do tempo pretérito perfeito do modo indicativo, em comparação a todos os demais tempos/modos verbais. Baseando-nos no estudo de Koch (1989), podemos esboçar uma explicação para este fenômeno, observando que em português temos tempos verbais que pertencem ao mundo narrado, que correspondem aos verbos que veiculam relatos, de origem literária ou não. Por outro lado, temos verbos que pertencem ao mundo comentado, que correspondem aos tipos de situações comunicativas que não consistem apenas em relatos, mas apresentam uma atitude tensa, um comprometimento maior por parte do autor do texto. Os tempos verbais que constituem o mundo comentado são: o presente do indicativo, o pretérito perfeito e o futuro do presente; já entre os tempos de mundo narrado temos o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito, o pretérito mais-que-perfeito e o futuro do pretérito do indicativo.

No caso das CSM, encontramos com maior frequência cantigas que narram episódios e milagres marianos, que podem ser consideradas como contendo trechos caracterizados por verbos que dão suporte tanto ao mundo narrado como ao mundo comentado, uma vez que temos situações comunicativas que não constituem apenas relatos, mas lições de moral e louvores.

A maioria das cantigas veicula relatos de milagres ocorridos no passado. O tempo que ocorre mais frequentemente é o pretérito perfeito, já que este é o tempo por excelência para o relato de ações no passado, enquanto o imperfeito se presta à caracterização da contextualização dessas ações (pano de fundo).

Vale ressaltar que as cantigas, na sua grande maioria, são narradas em 3ª pessoa, tendo pouca referência a 1ª pessoa do singular. Os momentos em que esta pessoa aparece referem-se àqueles em que o narrador participou, ou melhor, testemunhou algum tipo de acontecimento.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Poliana Rossi. *Estruturas morfofonológicas das formas futuras nas cantigas de Santa Maria*. 2008, 309 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras- Campus de Araraquara, 2008.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- KOCH, Ingedore G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.
- LEÃO, A. *Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.
- MAIA, Clarinda. *História do Galego-Português*. 2. ed., reimpr. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian. Junta de Investigação Científica e Tecnológica.
- MASSINI-CAGLIARI, G. Escrita do cancionero da Biblioteca Nacional

- de Lisboa: fonética ou ortografia? *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, n.2, 1998, p.159-178.
- METTMANN, W. (Ed.). *Alfonso X, el Sabio: Cantigas de Santa Maria (cantigas 1 a 100)*. Madrid: Castalia, 1986. v.1.
- _____. _____. *Cantigas de Santa Maria (cantigas 101 a 260)*. Madrid: Castalia, 1988. v. 2.
- _____. _____. *Cantigas de Santa Maria (cantigas 261 a 427)*. Madrid: Castalia, 1989. v. 3.
- SAID, M. Ali. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: UNB, 2001.
- SILVA, Rosa Virgínia Matos e. *O Português Arcaico: fonologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. _____. *fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- SILVA, T. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2007.
- SILVA NETO, Serafim da. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.
- VASCONCELOS, C. *Lições de filologia portuguesa*. Revista de Portugal, Lisboa, 1946.